

Coleção
IBEGEANA



SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE
DIRETORIA DE PESQUISA
DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA

IBGE - CDSI/GEDOC

REDE DE BIBLIOTECAS

Nº do Reg. 1162-A

Data: 09/01/90

INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

PRODUÇÃO FÍSICA - REGIONAL

REGIÃO NORDESTE

PERNAMBUCO

BAHIA

MINAS GERAIS

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

REGIÃO SUL

PARANÁ

SANTA CATARINA

RIO GRANDE DO SUL

1989 : AGOSTO

16/ 10/ 89

ÍNDICE

NOTAS METODOLÓGICAS	PÁGINA 1
COMENTÁRIOS	2
ÍNDICES POR GÊNEROS DE INDÚSTRIA	
REGIÃO NORDESTE (PERNAMBUCO E BAHIA).....	22
REGIÃO SUDESTE (MINAS GERAIS, RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO)	25
REGIÃO SUL (PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL)	28

INDICADORES REGIONAIS DE PRODUÇÃO FÍSICA

NOTAS METODOLÓGICAS

- 1 - Os indicadores regionais utilizam dados primários da Pesquisa Industrial Mensal (PIM). Os painéis de produtos e informantes são específicos para cada região, com exceção de PE, BA, PR, SC e RS.

- 2 - Para a Indústria Geral e tomando-se como referência o Valor da Transformação Industrial de 1980, os produtos selecionados alcançam os seguintes níveis de cobertura: Região Nordeste, 190 produtos (58%); Pernambuco, 102 produtos (56%); Bahia, 91 produtos (52%); Minas Gerais, 158 produtos (59%); Rio de Janeiro, 261 produtos (51%); São Paulo, 493 produtos (54%); Região Sul, 264 produtos (52%); Paraná, 118 produtos (58%); Santa Catarina, 125 produtos (58%) e Rio Grande do Sul, 210 produtos (54%).

- 3 - Os procedimentos metodológicos dos índices regionais são idênticos aos adotados no Índice Brasil. A base de ponderação é fixa e tem como referência a estrutura do Valor de Transformação Industrial do Censo Industrial de 1980.

A fórmula de cálculo adotada é uma adaptação de Laspeyres

- base fixa em cadeia, com atualização de pesos.

4 - São divulgados quatro tipos de índices:

- ÍNDICE BASE FIXA MENSAL (NÚMERO-ÍNDICE): compara a produção do mês de referência do índice com a média mensal produzida no ano base da pesquisa (1981);
- ÍNDICE MENSAL: compara a produção do mês de referência do índice em relação a igual mês do ano anterior;
- ÍNDICE ACUMULADO: compara a produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência do índice, em relação a igual período do ano anterior;
- ÍNDICE ACUMULADO 12 MESES: compara a produção acumulada nos últimos 12 meses de referência do índice em relação a igual período imediatamente anterior.

OUTROS ÍNDICES (por exemplo, MÊS/MÊS ANTERIOR) podem ser obtidos pelo usuário a partir do índice Base Fixa Mensal.

5 - Os índices apresentados neste documento são preliminares, estando sujeitos à retificações nos dados primários por parte dos informantes da pesquisa.

6 - A sistemática adotada para retificação de índices, é divulgar, junto com os resultados de cada mês de dezembro do ano (N), o "Índice Base Fixa Mensal" do ano (N-1), que passará então a ser definitivo.

7 - Informações mais detalhadas sobre os procedimentos metodológicos podem ser obtidas no Departamento de Indústria (DEIND) - Rua Visconde de Niterói, 1246 BL. B sala 705, CEP: 20941 - Rio de Janeiro - RJ, telefone (021) 284-8840.

COMENTÁRIOS

Os resultados regionais da atividade industrial em agosto deste ano comprovam o caráter generalizado da expansão que se vem observando nos últimos meses. No comparativo agosto 89/agosto 88 todos os dez locais pesquisados apresentam acréscimos no produto industrial com taxas variando entre 0,1% no Rio Grande do Sul e 10,5% em Santa Catarina. O Nordeste registra também suas melhores taxas dos últimos meses, com Pernambuco assinalando 6,8%, Bahia 7,0% e o total da região 7,4%. A indústria do Rio de Janeiro (9,4%) e a de Santa Catarina (10,5%) superam o crescimento verificado a nível nacional (7,8%), enquanto São Paulo situou-se praticamente no mesmo nível de Brasil.

O fraco desempenho do Rio Grande do Sul (0,1%) e de Minas Gerais (0,4%), contrasta com o quadro mais geral de aquecimento no ritmo da produção fabril. A indústria gaúcha teve seu comportamento negativamente influenciado pela retração na química (-26,1%), fruto da queda no subsetor de fertilizantes (-58,3%). Esse gênero, isoladamente, respondeu por um impacto de -5,0 pontos percentuais na formação da taxa global em agosto. Já no caso de Minas Gerais a principal contribuição negativa vem de papel e papelão (-57,1%), em virtude da paralisação para manutenção na maior empresa do gênero neste Estado. Estes dois locais têm, ao longo deste ano, sofrido os efeitos da má performance de subsetores articulados ao desempenho agrícola, como fertilizantes e derivados de cana-de-açúcar, de considerável importância na estrutura industrial destes Estados.

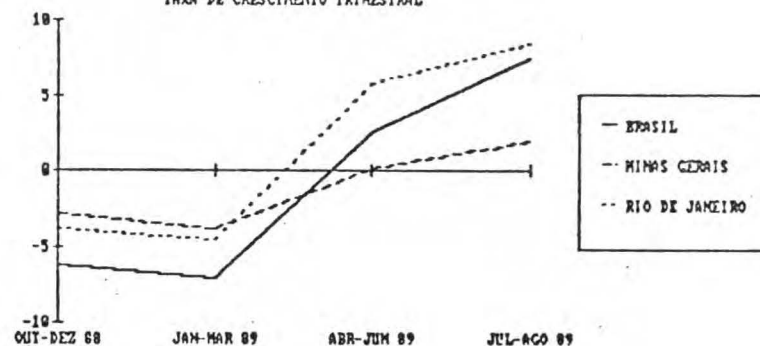
O comportamento favorável dos últimos meses já reflete no desempenho acumulado do ano: à exceção do Rio Grande do Sul, os demais locais pesquisados apresentam tendência à recuperação sendo que a liderança, dentro desse tipo de indicador, está com o Rio de Janeiro (2,7%). Os três estados do sul acumulam crescimento em torno de 1%, enquanto a prin-

cipal área industrial do país (São Paulo) registra -0,6%, em comparação a janeiro-agosto de 1988.

Como a indústria neste ano vem sendo particularmente influenciada pela elevação do consumo interno, é natural que o Rio de Janeiro alcance a maior taxa, tal como ocorreu no ano de 1986. Em contrapartida, como as exportações industriais não têm jogado um peso significativo na atividade fabril em 1989, Minas Gerais vem apresentando modesto desempenho: -3,9% no primeiro trimestre, 0,1% no segundo e 1,7% no período julho-agosto, sempre em comparação a igual período do ano anterior (gráfico 1).

A tabela 1 a seguir relaciona o nível do produto industrial no mês de agosto para o período 1981/89. Verifica-se então, que é no corrente ano que se atinge o mais elevado patamar de agosto para os últimos nove anos, fato que só vem confirmar a generalização do aquecimento do setor industrial na atual conjuntura.

GRÁFICO 1
PRODUÇÃO INDUSTRIAL
TAXA DE CRESCIMENTO TRIMESTRAL



Fonte: IBGE/DEIND

TABELA 1
PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL 1981/89
Índices para o mês de agosto (1981=100)

AGOSTO	BRASIL	NORDESTE			MG	RJ	SP	REGIÃO SUL			
		TOTAL	PE	BA				TOTAL	PR	SC	RS
1981	103,5	94,8	87,6	104,0	105,8	104,4	106,2	98,8	104,3	100,1	91,5
1982	112,1	103,4	96,6	108,4	117,4	114,7	116,2	106,0	113,6	111,8	113,8
1983	105,3	101,1	85,3	119,0	109,8	103,3	108,3	100,6	104,2	102,2	106,5
1984	112,5	103,2	92,2	116,4	124,7	103,3	114,6	107,6	101,8	105,9	108,6
1985	122,0	105,3	95,2	109,7	131,5	107,6	124,7	117,8	113,0	124,2	109,8
1986	131,9	110,9	107,0	115,1	132,0	126,3	131,0	130,3	115,2	135,1	129,3
1987	125,6	112,6	102,5	123,3	133,8	116,3	122,1	126,7	124,0	133,1	117,8
1988	134,9	113,3	101,9	123,2	144,7	124,8	133,5	135,8	134,5	137,0	132,7
1989	145,4	121,7	108,8	131,7	145,2	136,5	143,7	141,7	138,0	151,4	132,9

FONTE: IBGE-DEIND

PERNAMBUCO

O resultado do desempenho da indústria pernambucana neste mês de agosto, revela a manutenção do ritmo de crescimento, presente desde maio de 1989, na comparação com o mesmo mês do ano anterior (6,8%). Tais resultados influenciam, determinantemente na continuidade do movimento de desaceleração da intensidade de queda nos indicadores acumulado (-0,9%) e 12 meses (-5,3%).

Dos onze setores pesquisados, oito apresentaram crescimento em relação a agosto do ano anterior e os que mais contribuíram no desempenho da indústria geral deste parque fabril foram: material elétrico e de comunicações (44,2%), tendo como principais produtos pilhas secas e fio, cabo e condutor de cobre; metalúrgica (24,7%), face à expansão da produção de fio-máquina de aço comum e de barras e perfis de alumínio, e produtos alimentares (12,8%), devido a uma maior produção de açúcar refinado e do incremento da industrialização de sucos e concentrado de frutas. Cabe assinalar, que o crescimento de açúcar refinado deve-se, em grande medida, ao efeito-base em virtude da paralisação para manutenção da principal empresa nesta pesquisa, em agosto/88..

Por outro lado, destacam-se pelo grande impacto negativo na formação da taxa do indicador mensal (tabela 2), os gêneros minerais não metálicos (-23,2%) e têxtil (-15,8%), também responsáveis pelas maiores reduções do nível de produção desta década, em relação aos demais meses de agosto, conforme tabela 3.

As performances de minerais não metálicos (-17,7%) e de produtos alimentares (-8,1%) exerceram significativo impacto negativo na formação do indicador acumulado (-0,9%), enquanto, material elétrico e de comunicações (27,2%) e metalúrgica (10,9%), assumem os maiores impactos positivos (tabela 2).

No que tange ao nível de produção de janeiro-agosto, em relação à média de 1981, observa-se um quadro de estagnação no desempenho da indústria geral no patamar de 1988 (tabela 4).

A comparação anualizada (-5,3%) registra um movimento de desaceleração do ritmo de queda e assinala, também, a menor taxa negativa desde março de 1988. Neste mês destacam-se, produtos alimentares (-14,7%) e minerais não metálicos (-17,8%), que participaram com -5,4 pontos na composição do resultado global. Os principais produtos estão relacionados com o desempenho da safra agrícola e, principalmente, com a demanda do mercado interno.

Finalmente, vale enfatizar que os últimos resultados positivos deste parque fabril, ainda, não conseguiram reverter o quadro contracionista existente neste Estado. Como o 2º semestre, historicamente, tem apresentado um volume de produção maior do que o do 1º semestre, devido ao processamento da cana-de-açúcar, é de se esperar que os indicadores acumulados iniciem um movimento de ascensão. Fortalecendo esta perspectiva, a área destinada a colheita da cana-de-açúcar, em agosto/88, é superior em 2,7% do que a do mesmo período do ano anterior, conforme dados divulgados pela pesquisa agrícola do IBGE.

TABELA 2
PERNAMBUCO
COMPOSIÇÃO DA TAXA DOS INDICADORES MENSAL E ACUMULADO
AGOSTO DE 1988

G Ê N E R O S	MENSAL	ACUMULADO	12 MESES
Indústria Geral	6,75	-0,85	-5,28
Min. não metálicos	-2,37	-1,85	-1,70
Metalúrgica	2,80	1,07	0,87
Mat.elétrico e de com. ...	3,52	1,98	0,68
Papel e papelão	1,32	0,27	0,02
Química	-0,36	0,37	-0,72
Perf.,sabões e velas	0,21	0,09	-0,02
Prod.mat. plásticas	0,46	-0,61	-0,37
Têxtil	-2,12	-0,78	-0,47
Prod.alimentares	2,02	-1,73	-3,74
Bebidas	0,77	0,34	0,21
Fumo	0,50	-0,01	-0,05

FONTE: IBGE-DEIND

TABELA 3
PERNAMBUCO
NÍVEL DE PRODUÇÃO NO MÊS DE AGOSTO
INDICADOR DE BASE FIXA
(Base: média de 1981=100)

ANO	GÊNEROS	MINERAIS NÃO METÁLICOS	TÊXTIL
1981		107,5	107,4
1982		107,6	113,2
1983		74,6	93,4
1984		77,1	101,9
1985		87,6	104,6
1986		108,4	110,2
1987		102,7	95,2
1988		92,0	104,8
1989		70,6	88,3

FONTE: IBGE-DEIND

TABELA 4
PERNAMBUCO
NÍVEL DA PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA
INDICADOR BASE FIXA ACUMULADO NO ANO
(Base: média de 1981=100)

A N O	JAN-AGO
1981	90,1
1982	95,5
1983	87,6
1984	89,6
1985	100,0
1986	109,0
1987	120,7
1988	103,4
1989	102,6

FONTE: IBGE-DEIND.

BAHIA

A performance da indústria baiana no mês de agosto (7,0%) configura-se no melhor resultado revelado nos indicadores mensais dos últimos dois anos. Os índices acumulado e acumulado doze meses, por abrangerem um maior período de comparação, mantiveram-se com taxas negativas (-1,3% e -4,6%, respectivamente).

Nos setores pesquisados, somente o de produtos alimentares (-5,3%) ainda mostra decréscimo na comparação mensal. A queda observada este mês está relacionada, preponderantemente, à redução na industrialização de chocolate amargo e cacau beneficiado, conforme já explicado em nota anterior.

Contribuíram decisivamente para a expansão do setor fabril da Bahia, no mês de referência, os ramos de metalúrgica (49,8%), química (3,6%) e extrativa mineral (10,0%), que juntos participam em 5,9 pontos percentuais na taxa de crescimento da indústria geral. Vale ressaltar que o bom desempenho da metalúrgica, cuja variação em agosto mostra-se excepcionalmente elevada - a maior do ano - deve-se à base de comparação deprimida em 1988 e, em menor medida, ao aquecimento da construção civil. Os produtos tubos, canos de aço e vergalhões de aço foram os principais responsáveis por esse comportamento.

O setor químico, de maior peso na estrutura da região, assinala sua maior taxa mensal, para este mês, nos últimos seis anos, em grande parte devido ao "efeito-base", pois agosto de 1988 registrou baixo desempenho da produção em virtude de paralisação ocorrida em setores ligados ao refino de petróleo. A extrativa mineral foi influenciada fortemente pelo crescimento da extração de gás natural (24,8%).

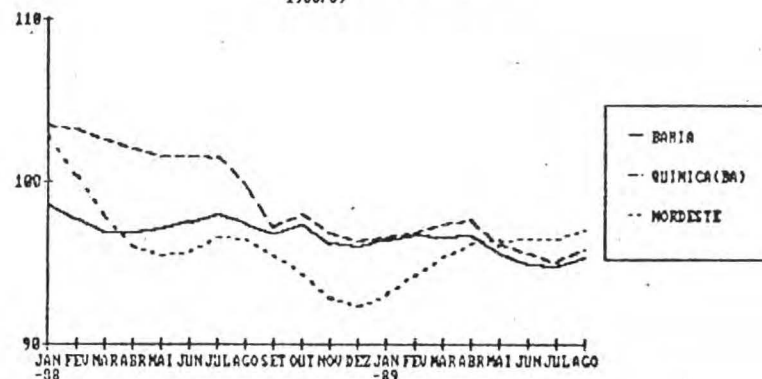
No indicador acumulado, nota-se uma expressiva variação negativa (-1,3%), na medida em que representa

o mais fraco resultado do acumulado janeiro-agosto do período de 1982 a 1989. Para tanto, foram importantes os desempenhos de produtos alimentares e material elétrico e de comunicações que, em relação aos primeiros sete meses do ano anterior, diminuíram sua produção em -9,6% e -12,1%, respectivamente, motivados pelo declínio em manteiga de cacau e fios, cabos de alumínio, principalmente.

Numa avaliação mais geral observa-se até agosto, ainda em relação ao indicador acumulado, que houve uma melhora nos resultados de todos os segmentos, ainda que apresentando movimento negativo e, naqueles com crescimento, uma confirmação de suas boas performances.

Por fim, em termos do indicador de tendência (acumulado 12 meses), observa-se que em agosto o parque industrial local passa a retrair-se de forma mais suave como assinala o gráfico 2, que mostra a trajetória da produção anualizada da Bahia e região Nordeste. Isto, mais uma vez, é atribuído ao movimento do segmento químico.

GRÁFICO 2
ÍNDICE ACUMULADO DOS ÚLTIMOS 12 MESES
(BASE: 12 MESES ANTERIORES = 100)
1988/89



Fonte: IBGE/DEIND

MINAS GERAIS

Os resultados da indústria mineira situam-se em agosto bem abaixo da média da indústria brasileira no indicador mensal (0,4% em Minas Gerais contra 7,8% no Brasil) e em menor medida também na comparação acumulada (-0,9% frente a 0,6%). Este desempenho se explica basicamente por duas ordens de motivos: 1º. a indústria do Estado é a mais articulada com o mercado externo, dentre os locais pesquisados, e o atual aquecimento do setor industrial a nível nacional vem sendo "puxado" pelo mercado interno; 2º. a forte vinculação do setor fabril mineiro com a agropecuária, vem sendo este ano prejudicial ao Estado, devido a quebra de sua safra de cana-de-açúcar, uma das maiores dentre os Estados brasileiros, segundo as estimativas do IBGE/DEAGRO.

O indicador mensal registra este mês uma grande desaceleração de seu ritmo de crescimento (0,4% em agosto ante 3,0% em julho). Apesar da evolução positiva da química (15,4% - tabela 5) e da maioria dos gêneros, as quedas em papel e papelão (-57,1%), produtos alimentares (-9,0%), material de transporte (-6,6%) e, em menor medida, da extrativa mineral (-5,7%) tiveram um impacto muito significativo no índice global. A performance de papel e papelão deveu-se a paralisação para manutenção de uma das principais fábricas do setor. Em decorrência disso, o nível de produção do gênero atinge o patamar mais baixo de toda a série, em termos do mês de agosto, ficando inferior, inclusive, à indústria geral o que é bastante atípico (tabela 6). No caso de material de transporte a explicação reside na base de comparação elevada, dado que agosto de 1988 representou o ponto de maior produção do período 1981-1989, para o mês em questão (tabela 6). O desempenho de produtos alimentares novamente reflete a menor produção dos derivados de cana-de-açúcar - açúcar cristal (-13,1%) e melaço (-16,6%), vide tabela 7. Como é sabido a produção desses bens vem sendo desestimulada por preços baixos. No entanto, é importante assinalar que este gênero vem diminuindo seu ritmo de queda, passando de -25,3% em junho, para

-18,8% em julho e -9,0% em agosto. O crescimento da química foi determinado pela maior produção de gasolina e óleo diesel. Neste segmento a maior influência negativa foi dada pela contração de álcool anidro e hidratado (-8,9%), também um subproduto da cana.

O acumulado do ano registra uma diminuição (-0,9%) inferior a de julho (-1,1%) e junho (-1,9%). A maior retração foi a assinalada por produtos alimentares (-11,8%), pelos motivos já expostos, seguido por papel e papelão (-7,1%), material elétrico (-5,3%) e metalúrgica (-3,0%). Este último gênero está com uma base de comparação elevada, pois expandiu-se muito no ano passado na esteira do crescimento das exportações da siderurgia, o que levou seu nível de produção médio em janeiro-agosto ao patamar mais alto de toda a série, para o período assinalado. Cabe registrar que o decréscimo dos produtos derivados da cana foi tão significativo (-24,3%) frente aos demais segmentos da indústria (tabela 8) que caso a produção desses bens tivesse apontado uma variação nula, a indústria mineira já teria alcançado uma taxa positiva na comparação acumulada.

TABELA 5
MINAS GERAIS
INDICADOR MENSAL DE AGOSTO - 1989

G Ê N E R O S	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Mat. de transporte	93,39	- 0,67
Papel e papelão	42,87	- 1,87
Química	115,44	1,93
Prod. alimentares	91,02	- 1,16
Demais gêneros	103,47	2,12
Indústria geral	100,35	0,35

FONTE: IBGE-DEIND

TABELA 6
NÍVEL DE PRODUÇÃO DE GÊNEROS SELECIONADOS NO MÊS DE AGOSTO
Índice de base fixa 1981-1989
(Base: média de 1981=100)

G Ê N E R O S	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989
Material de transporte ..	127,34	139,87	110,69	149,75	120,48	117,62	148,29	200,58	187,32
Papel e papelão	143,52	147,04	141,35	82,33	167,72	166,22	150,14	179,77	77,07
Indústria geral	105,75	117,42	109,79	124,71	131,48	131,98	133,82	144,74	145,24

FONTE: IBGE-DEIND

TABELA 7
MINAS GERAIS
PRODUTOS ALIMENTARES
INDICADOR MENSAL DE AGOSTO - 1989

P R O D U T O S	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Açúcar cristal	86,90	- 5,22
Melaço	83,45	- 1,97
Demais produtos	96,29	- 1,79
Total do gênero	91,02	- 8,98

FONTE: IBGE-DEIND

TABELA 8
MINAS GERAIS
INDICADOR ACUMULADO - AGOSTO-1989

SETORES DA INDÚSTRIA	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Derivados da cana-de-açúcar...	75,73	- 1,15
Alcool anidro e hidratado	84,96	- 0,25
Açúcar cristal	70,75	- 0,68
Melaço	69,31	- 0,22
Demais produtos	100,23	0,22
Indústria geral	99,07	- 0,93

FONTE: IBGE-DEIND

RIO DE JANEIRO

Com crescimento de 9,4% em agosto, contra igual mês do ano anterior, a indústria fluminense atinge não só a sua maior taxa mensal a partir de abril de 1987 como o segundo melhor resultado para o referido mês desde 1982 (abaixo apenas de agosto de 1986 quando da vigência do Plano Cruzado). Os setores de bebidas (51,7%), perfumaria, sabões e velas (31,9%), matérias plásticas (26,1%), minerais não metálicos (28,0%) e extrativa mineral (18,7%) continuaram se destacando com expressivas taxas de crescimento e, em agosto, junta-se a estes também a farmacêutica, com expansão de 30,8%.

Por sua vez, o desempenho acumulado nos oito primeiros meses do ano, que expressa um avanço da produção de 2,7% frente a igual período do ano anterior, aponta também para a franca recuperação da atividade industrial no Estado, já que esta taxa é a mais elevada nos últimos 24 meses, neste tipo de comparação. Além disso, tal performance supera a média brasileira que alcançou tão somente 0,6% no mesmo período. A permanecer neste ritmo de atividade, a indústria deste Estado certamente apresentará em 1989 o seu primeiro resultado positivo depois de 1986. Dos níveis de produção alcançados este ano (até agosto) pelas principais regiões pesquisadas, o do Rio de Janeiro desponta como um dos poucos com trajetória crescente (gráficos 3-A, 3-B, 3-C e 3-D). No entanto, tal patamar é apenas 17,6% acima daquele atingido durante o ano de 1981, o que o coloca bem abaixo ainda dos registrados por Minas Gerais (28,7%) e pela região Sul (24,9%), embora mais elevado do que o de São Paulo (12,8%) e da região Nordeste (12,0%).

Fica evidente pelos dados da tabela 9 que o aquecimento da indústria do Rio de Janeiro, a partir do segundo trimestre deste ano, está bastante articulado com o bom desempenho do segmento produtor de bens de consumo, que cresceu 12% no segundo trimestre e 11,5% no bimestre julho-agosto. Mesmo considerando o período janeiro-agosto, a categoria se destaca. Dos 20 produtos de maior impacto na formação da taxa global, oito pertencem a bens de consumo, sete a

intermediários de consumo, três a intermediários para construção civil e dois são de bens de capital (tabela 10). Naturalmente, considerando-se apenas o desempenho do período abril-agosto a participação dos bens de consumo é ainda muito mais acen-tuada.

Voltada essencialmente para o mercado interno, é plenamente justificável que a indústria fluminense apresente um dinamismo bem acima da média na medida em que este mercado evolua de forma favorável, como vem ocorrendo nos últimos meses, em decorrência tanto da elevação do rendimento médio real (gráfico 4) e do nível de emprego (tabela 11), como da prática da antecipação do consumo estimulada pelas altas taxas de inflação.

Neste ponto, chama atenção o fato de que, quando o comportamento do mercado interno é quem dita o ritmo da atividade industrial, Rio de Janeiro e Minas Gerais, via de regra, apresentam desempenho bastante distinto (vide tabela 12) já que este último tem sua indústria significativamente atrelada à performance do mercado externo. Isto aconteceu em 1984, quando o crescimento das exportações deu impulso à retomada da expansão industrial do país; em 1986, cujo aumento da produção deveu-se essencialmente ao mercado interno, e finalmente em 1988, quando as vendas externas comandaram novamente o desempenho do setor. Este ano parece que não vai ser diferente, com o Rio de Janeiro tendo até agora performance mais favorável.

Além da forte articulação com o mercado interno, a indústria fluminense tem outra característica básica que é a relativamente baixa participação do segmento agroindustrial na formação do produto do setor, estimada em cerca de 13%, enquanto em locais como Paraná e região Nordeste, por exemplo, tal participação atinge, respectivamente, cerca de 40% e 28% (tabela 13). Isto decorre, principalmente, da fraca base agrícola deste Estado, onde a participação da agropecuária no PIB é de apenas 1,4%, enquanto a nível nacional a

representatividade deste setor está em torno de 10% (tabela 14).

Desta forma, as dificuldades que a agroindústria vem enfrentando em 1989, motivadas essencialmente pela má performance de dois importantes segmentos (álcool-açucareiro e de abate de bovinos), vão exercer um impacto bem menor na indústria do Rio de Janeiro que na daqueles locais, mesmo com a quebra da safra de cana-de-açúcar no Estado sendo uma das mais elevadas este ano (em torno de -8%).

Em se tratando da estrutura do PIB do Estado, ressalta-se, a propósito, uma outra questão importante que é a elevada participação do setor Serviços (cerca de 67% contra 51,7% da média brasileira, segundo dados de 1980 - tabela 14). Nesse sentido, numa perspectiva conjuntural, atrelar pura e simplesmente o desempenho econômico do Rio de Janeiro à performance da sua indústria pode não ser tão verdadeiro como seria no caso da economia paulista, onde a indústria representa mais de 48%. Vale notar que em termos da trajetória da renda é importante, por exemplo, a política de emprego e salários das empresas estatais e das instituições financeiras, segmentos que contam com expressiva presença neste Estado.

Por fim, os gêneros industriais que contribuíram para o desempenho acumulado janeiro-agosto foram, pela ordem, material elétrico e de comunicações (17,0%), cujo crescimento concentrou-se nos cinco primeiros meses do ano, com estações telefônicas e fio, cabo e condutor de cobre como produtos responsáveis; matérias plásticas (24,0%) - tecido de material plástico laminado e artigos de material plástico para uso doméstico; bebidas (28,1%), sendo cerveja - inclusive chope e refrigerantes os principais destaques; minerais não metálicos (8,2%) - chapas e telhas de fibrocimento e frascos de vidro de 500 a 750 ml; e perfumaria, sabões e velas (16,9%), tendo em sabões e cremes para cabelos e detergentes para uso industrial as principais contribuições.

GRÁFICO 3-A
INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA -
NÍVEL DE PRODUÇÃO
(BASE: MÉDIA DE 1981 = 100)
1981-1989

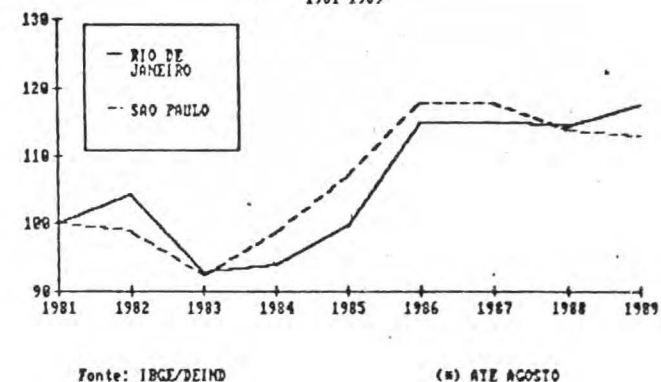


GRÁFICO 3-C
INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA
NÍVEL DE PRODUÇÃO
(BASE: MÉDIA DE 1981 = 100)
1981-1989

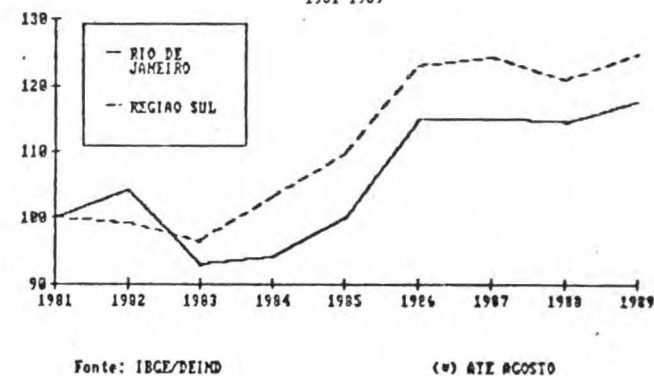
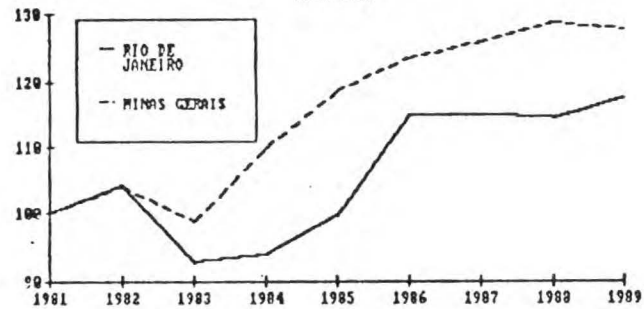


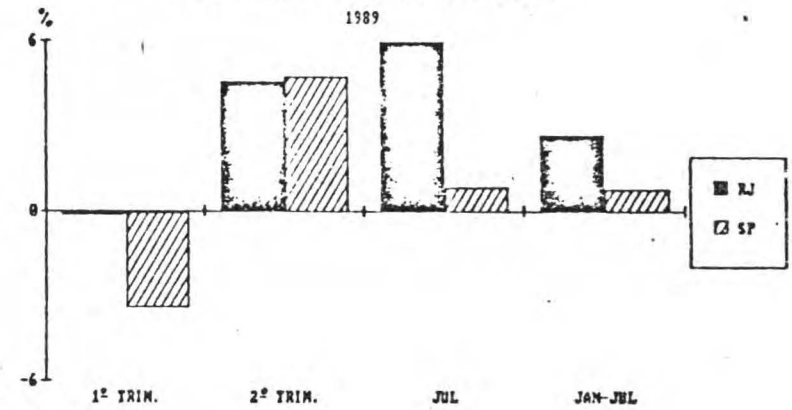
GRÁFICO 3-B
INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA
NÍVEL DE PRODUÇÃO
(BASE: MÉDIA DE 1981 = 100)
1981-1989



Fonte: IBGE/DEIND

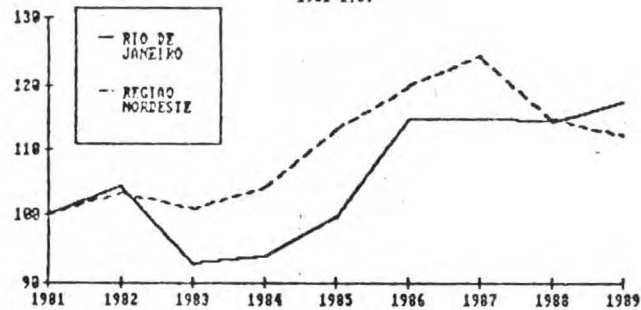
(*) ATÉ AGOSTO

GRÁFICO 4
EVOLUÇÃO DO RENDIMENTO MÉDIO REAL
DAS PESSOAS OCUPADAS
(BASE: IGUAL PERÍODO DO ANO ANTERIOR = 100)
1989



Fonte: IBGE-DEREN

GRÁFICO 3-D
INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA
NÍVEL DE PRODUÇÃO
(BASE: MÉDIA DE 1981 = 100)
1981-1989



Fonte: IBGE/DEIND

(*) ATÉ AGOSTO

TABELA 9
RIO DE JANEIRO
INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CATEGORIA DE USO
ÍNDICE ACUMULADO
(Base: igual período do ano anterior=100)

CAT.DE USO \ PERÍODO	1987	1988	1989 (Jan-Ago)	1 9 8 9		
				1º Tri	2º Tri	Jul-Ago
Bens de Capital	95,0	142,7	111,4	126,6	101,6	106,9
Bens Intermediários.....	99,9	97,6	100,2	91,2	103,9	108,0
Bens de Consumo	100,2	90,4	104,1	90,8	112,0	111,5
Indústria Geral	100,0	99,7	102,7	95,4	105,8	108,1

FONTE: IBGE/DEIND.

TABELA 10
RIO DE JANEIRO
INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL-DESEMPENHO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS RESPONSÁVEIS
JANEIRO-AGOSTO
(Base: igual período do ano anterior=100)

P R O D U T O S	TAXA DE CRESCIMEN TO (%)	COMPOSI- ÇÃO DA TAXA	CATEGORIA DE USO
Estações telefônicas	31,0	1,36	Bens de capital
Tecidos de mat.plástico laminado	39,0	0,42	Interm. p/ consumo
Sardinha enlatada, em conserva	21,1	0,36	Bens de consumo
Artigos de mat.plástico p/uso doméstico	18,1	0,28	Bens de consumo
Plástico em lençol	51,4	0,27	Interm. p/consumo
Sabões e cremes p/cabelos	64,1	0,25	Bens de consumo
Tintas a base de plástico	51,9	0,25	Interm.p/const.civil
Cerveja-inclusive chope	34,2	0,24	Bens de consumo
Antifeciosos ginecológicos	48,3	0,23	Bens de consumo
Calças compridas p/ homens	24,9	0,22	Bens de consumo
Chapas e telhas de fibrocimento	32,5	0,21	Interm. p/constr. civil
Refrigerantes	24,2	0,21	Bens de consumo
Corantes	18,7	0,21	Interm.p/consumo
Essências e concentrados aromáticos artificiais ...	13,3	0,20	Interm.p/consumo
Plástico em lençol, estampados	54,0	0,19	Interm.p/consumo
Tintas p/impressão	30,1	0,18	Interm.p/consumo
Vergalhões de aço	15,0	0,18	Interm.p/constr.civil
Navios de grande porte	4,0	0,18	Bens de capital
Sorvetes	17,2	0,16	Bens de consumo
Bobinas e folhas-de-flandres	3,9	0,15	Interm.p/consumo
Σ.....	20,76	5,75	
Outros produtos	-4,17	-3,02	
Indústria geral	2,73	2,73	

FONTE: IBGE/DEIND.

TABELA 11
PESSOAS OCUPADAS NA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO
POR SETOR DE ATIVIDADE - 1989
(Base: igual período do ano anterior=100)

P E R Í O D O	TOTAL	IND.DE TRANSFOR MAÇÃO	CONSTR. CIVIL	COMÉRCIO	SERVIÇOS
1º Trimestre	102,2	98,8	104,5	104,2	102,3
2º Trimestre ...	100,6	100,2	105,1	105,5	99,4
Julho-Agosto	101,6	102,2	102,9	106,3	99,7
Janeiro-Agosto ..	101,4	100,2	104,3	105,2	100,6

FONTE: IBGE/DEIND

TABELA 13
ESTIMATIVA DA PARTICIPAÇÃO DA AGROINDÚSTRIA NA FORMAÇÃO
DO VALOR ADICIONADO DA INDÚSTRIA GERAL
DE ALGUMAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1985*

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	%
Região Nordeste	27,6
Minas Gerais	15,5
Rio de Janeiro	12,9
São Paulo	13,3
Paraná	39,4
Santa Catarina	24,8
Rio Grande do Sul	26,5
B R A S I L	16,9

FONTE: IBGE/DEIND.

(*) Estimado segundo a amostra da Pesquisa Industrial Mensal.

TABELA 12
INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
TAXAS ANUAIS DE DESEMPENHO

A N O S	RIO DE JA- NEIRO	MINAS GERAIS	PRINCIPAL ES- TÍMULO
1984	1,2	11,1	Merc.externo
1986	15,0	4,1	Merc.interno
1988	-0,3	2,4	Merc.externo
1989*	2,7	-1,0	Merc.interno

FONTE: IBGE/DEIND

(*) Janeiro-agosto.

TABELA 14
ESTRUTURA DO PRODUTO INTERNO BRUTO
1 9 8 0

S E T O R E S	RIO DE JANEIRO	BRASIL
	%	
Total	100,00	100,00
Agropecuária	1,40	10,03
Indústria	32,14	38,27
Serviços	66,46	51,70
Comércio	15,17	14,57
Transporte e Comunicações	4,02	4,04
Instituições Financeiras	12,85	7,95
Administrações Públicas	9,60	6,36
Aluguéis	8,00	6,72
Outros serviços	16,82	12,06

FONTE: Indicadores IBGE, Vol.6, nº 8 - Agosto de 1987.

SÃO PAULO

A produção da indústria paulista no mês de agosto, registra o melhor resultado mensal do ano 7,7%. Esta variação se torna ainda mais significativa, considerando-se a base de comparação elevada, qual seja, a taxa obtida para agosto de 1988 (9,3%), que também apresentou-se como a mais alta naquele ano. Da mesma forma, o desempenho do índice acumulado no ano (-0,6%) foi o melhor registrado nos últimos 20 meses. A taxa anualizada, por sua vez, continua em queda (-1,8%), embora, represente a menor contração desde janeiro de 1988.

Na comparação mensal, somente 3 gêneros revelaram resultados negativos: borracha (-4,2%), principalmente, pela queda na produção de pneumáticos para caminhões, ônibus e automóveis; química (-3,0%) em função do declínio registra do nos itens fertilizantes NPK e álcool anidro; e produtos alimentares (-1,6%), que a despeito da redução, consegue uma melhoria em relação ao mês anterior (-13,0%), sendo este decréscimo reflexo basicamente, da menor produção dos itens açúcar cristal e carne bovina congelada (-58,9%).

As retrações verificadas em açúcar cristal (-25,0%) e álcool anidro (-11,4%) devem-se, como já observado em outros meses, à necessidade de amenizar o déficit de álcool hidratado combustível, que, mesmo assim, registrou diminuição (-4,1%) em relação ao mesmo mês do ano anterior, em função do declínio aproximado de -2,7% na safra de cana-de-açúcar.

A grande surpresa no setor agroindustrial refere-se ao preço atingido pela arrôba de boi gordo no início deste mês, que cresceu 45,4% em relação à julho, registrando o patamar mais alto já verificado nos últimos 10 anos num período de entressafra. Os grandes frigoríficos, na sua maioria, paralisaram as compras de gado, pois os pecuaristas, devido às condições favoráveis do clima, retardaram ainda mais as vendas, aguardando uma alta maior no preço da arrôba.

No que se refere aos gêneros que apresentam resultados positivos no indicador mensal destacam-se aqueles com vinculação direta ou indireta com o setor de bens de consumo não duráveis: perfumaria, sabões e velas (48,9%), produtos de matérias plásticas (31,8%), papel e papelão (21,0%) e bebidas (16,1%). São ainda estes gêneros que apresentam os melhores resultados no acumulado do ano, com acréscimos de 8,5%, 19,3%, 9,4% e 15,4% respectivamente. O aquecimento do comércio, que tem sua origem com a implantação do Plano Verão e que se mantém em função do receio de elevação dos índices inflacionários, explica boa parte dos resultados favoráveis na produção e comercialização destes bens de consumo.

Por outro lado, o bom desempenho no mensal de gêneros como minerais não metálicos (8,6%), metalúrgica (10,1%), mecânica (19,3%), material elétrico e de comunicações (15,0%) e material de transporte (5,7%) que juntos contribuíram com 5,3 pontos percentuais na taxa de 7,7% obtida pela indústria geral, não se explica unicamente, pela antecipação de consumo para estes setores. Neste caso, deve-se considerar que os altos preços e o recente estreitamento dos prazos de pagamento praticados por estas indústrias, e a elevada taxa de juros real vem desestimulando a manutenção de estoques elevados. Desta forma, as vendas industriais continuam aquecidas, não só pela antecipação de compras das famílias, mas também por estas compras estarem ocorrendo, em alguns segmentos, contra pedido, isto é, gradualmente e com venda assegurada.

Adicionalmente os dados da Federação e Centro do Comércio do Estado de São Paulo sobre o desempenho do comércio varejista mostram que o acumulado no ano indica crescimento de 3,8%, enquanto na comparação mensal esta taxa cai para 1,3% ante ao recuo da demanda para itens de consumo mais caros, enquanto taxas significativas continuam

sendo observadas para produtos mais baratos como os vendidos nos supermercados e nas farmácias e perfumarias (Tabela 15).

Finalmente, estes resultados da atividade comercial só terão impacto sobre o setor manufatureiro um pouco mais adiante, o que nos permite deduzir que o desempenho industrial para os próximos meses será determinante na magnitude do resultado final para 1989. Vale salientar, ainda, que o indicador acumulado 12 meses ainda apresenta resultado negativo (-1,8%) mas, no entanto, a comparação mensal de setembro em diante terá uma base deprimida em função da queda verificada na indústria no segundo semestre de 1988.

TABELA 15

FATURAMENTO REAL DO COMÉRCIO VAREJISTA-REGIÃO METROPOLITANA
DE SÃO PAULO
Taxa de crescimento-mensal e acumulada
Ago/89

RAMOS DE ATIVIDADE	AGO-89/AGO-88	JAN-AGO-89/ JAN-AGO-88
Varejo bens de consumo	1,92	- 0,27
Duráveis	- 9,42	- 5,63
Semiduráveis	-13,53	-12,85
Vestuário	-15,02	-15,49
Tecidos	12,07	23,05
Calçados	-24,12	-24,29
Não duráveis	20,64	12,11
Supermercados	19,11	10,93
Farmácias e perfumarias	35,63	24,43
Concessionárias veículos	- 4,18	15,25
Autopeças e acessórios	- 4,25	6,25
Materiais de construção	13,72	13,24
Comércio geral	1,28	3,77

FONTE: Federação e Centro Comércio do Estado de São Paulo.

PARANÁ

Apurados os últimos números da produção no parque industrial paranaense para o mês de agosto, obtêm-se os seguintes resultados: no mensal 2,6%, acumulado 1,6%, e 12 meses 2,2%.

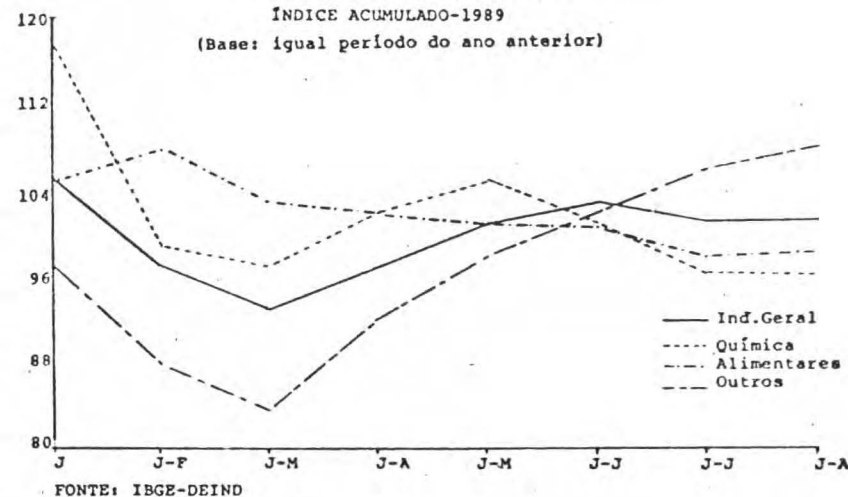
A retomada de crescimento no mensal (2,6%) interrompida em julho último, com a taxa negativa de -4,0%, fica longe ainda da média dos mensais verificada no trimestre abril-junho (10,2%), quando o Estado apresentava as melhores taxas de desempenho frente aos demais locais pesquisados. Este fato é creditado, principalmente, ao comportamento de gêneros de significativa importância na estrutura industrial, tais como química (-4,3%) e alimentares (-0,6%) que sofreram o impacto do processamento de derivados da cana-de-açúcar, como álcool hidratado e açúcar cristal. Soma-se a isto, no caso da química, a menor produção de gasolina. Além destes, há de se destacar a reversão do crescimento de papel e papelão (-3,0%) que vinha apresentando uma significativa evolução de suas taxas ao longo do ano, cuja queda este mês foi "puxada" basicamente pela contração na produção de papel kraft.

Por outro lado, mecânica (22,7%), minerais não metálicos (17,3%) e têxtil (14,6%) foram os setores que mais influenciaram positivamente na formação da taxa global. Os produtos responsáveis por tal desempenho, foram: câmaras frigoríficas com unidade de refrigeração, chapas e telhas de fibrocimento e fios crus de algodão, respectivamente. Dentre os demais gêneros destaca-se o resultado de perfumaria (116,9%), causado por dois fatores conjugados: primeiro, a base de comparação, agosto/88, está muito deprimida e, segundo, uma maior demanda por sabão comum em massa, ocorrida neste último mês.

No que diz respeito ao indicador acumulado (1,6%), o incremento na taxa, em relação ao mês passado, foi de apenas dois décimos, ou seja, o resultado manteve-se inalterado.

A nível de gêneros, o mesmo ocorre na química (-3,7%) e produtos alimentares (-1,6%) repetindo o mesmo ritmo apresentado anteriormente. É interessante frisar, conforme relatado em notas anteriores, que a indústria paranaense guarda uma estreita relação com estes dois segmentos, que estão intrinsecamente atrelados ao complexo agropecuário. Portanto a tendência da indústria é determinada constantemente por estes setores. Este fato se torna ainda mais evidente ao se agregar os demais gêneros e compará-los com a indústria geral, conforme gráfico 5, verificando-se assim que a curva da indústria sempre tende à aproximação da química e alimentares.

GRÁFICO 5
PARANÁ
INDICADOR DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
ÍNDICE ACUMULADO-1989
(Base: igual período do ano anterior)



Na comparação anualizada (2,2%) há uma continuidade no movimento descendente iniciado em julho último.

(2,7%), influenciada essencialmente por produtos alimentares (-1,8%), devido a menor produção de açúcar cristal.

Por fim, conclui-se que o desempenho da indústria paranaense para o último quarto do ano vai depender fundamentalmente de dois fatores:

1 - Do processamento da cana-de-açúcar cuja colheita iniciou-se neste segundo semestre e estende-se até setembro, que segundo o IBGE/DEAGRO apresenta crescimento de 4,1% em relação ao ano passado, não refletido ainda na sua totalidade, na indústria canavieira.

2 - Em menor medida, das colheitas da safra de inverno, que irão iniciar-se nos próximos meses.

Cabe frisar ainda que no caso da soja e do algodão, produtos de significativo peso na agroindústria local, estes já foram processados. Portanto, não é de se esperar que nos próximos meses o parque industrial paranaense repita as mesmas taxas de crescimento apresentadas no primeiro semestre deste ano.

SANTA CATARINA

Em agosto de 1989 a indústria de Santa Catarina atinge seu maior nível de produção da década ao registrar expansão de 51,4% em relação à média de 1981. A nível setorial dos treze gêneros selecionados seis apresentam este mês seu ponto máximo de produção (tabela 16), minerais não metálicos (54,1%), metalúrgica (89,2%), mecânica (150,5%), material elétrico (292,9%), papel e papelão (56,1%) e matérias plásticas (66,1%).

Na comparação mensal a indústria assinala 10,5% de crescimento frente a agosto de 1988 (sua segunda melhor marca desde novembro/86). Os setores que exerceram maior influência neste resultado foram mecânica (45,2%) e matérias plásticas (35,8%). Vale ressaltar, também, a performance da metalúrgica (19,1%), material elétrico (19,7%) e vestuário (13,5%), que apresentam este mês os melhores resultados do ano, influenciados, principalmente, pelo incremento na produção de ferro e aço fundido, caixas acústicas e blusa, blusão e camisa esporte para criança, respectivamente. Por outro lado, quatro setores reduzem a produção em relação a agosto de 1988: extrativa mineral (-20,2%), química (-10,9%), alimentares (-1,6%) e fumo (-94,8%), sendo que neste último a significativa retração é decorrente do "efeito-base", uma vez que o processamento da safra de fumo em folha, cujo término tradicionalmente ocorre em julho, no ano passado se estendeu até agosto.

Comparando-se a evolução da indústria em termos bimestrais (tabela 17) pode-se verificar que grande parte dos gêneros selecionados vem gradativamente ampliando o nível de produção, ficando os maiores destaques por conta de mecânica e matérias plásticas que atingem neste último bimestre expansão de 51,6% e 35,7%, respectivamente. Já com desempenho negativo figuram os setores extrativa mineral (-25,3%), química (-13,0%), têxtil (-0,6%) e fumo (-19,2%).

Com o expressivo crescimento apresentado em

agosto, a indústria catarinense assinala expansão no indicador acumulado do ano (0,2%) e mantém no acumulado dos últimos doze meses a trajetória ascendente iniciada em abril último, registrando declínio de -3,4%.

No acumulado do período janeiro-agosto as maiores contribuições foram dadas pelos setores: mecânica (28,3%) e fumo (36,8%), influenciados pelo aumento na produção de refrigeradores domésticos e fumo em folha beneficiado, respectivamente. Vale mencionar, também, o comportamento de matérias plásticas que passa de uma taxa acumulada negativa (-3,4%) em julho para 1,8% em agosto, isto devido ao incremento na fabricação de sacos e sacolas de material plástico e mangueiras, canos, tubos e conexões de material plástico, entre os dois últimos meses. Dos gêneros com taxas negativas, os que exercem maior influência são: química (-19,0%) que tem como principal produto responsável farelo de soja peletizado, alimentares (-5,8%) em virtude, principalmente, do declínio na produção de açúcar refinado, motivado por falta de matéria-prima, e extrativa mineral (-26,0%) em decorrência da queda na produção de carvão-de-pedra em bruto.

Na retração da taxa anualizada o maior impacto é exercido por alimentares (-12,9%), seguido, em menor medida, por material elétrico (-13,1%) e têxtil (-5,8%). Com crescimento, figuram apenas mecânica (12,8%), bebidas (6,3%) e fumo (46,3%).

TABELA 16
SANTA CATARINA
INDICADOR DE BASE FIXA
(Base: média de 1981=100)

S E T O R E S	NÍVEL DE PRODUÇÃO AGO/89	NÍVEL MÁXIMO DE PRODUÇÃO	
		Índice	Mês-Ano
Indústria Geral	151,41	151,41	Agosto-1989
Extr.Mineral	102,74	146,83	Mai-1985
Min. não Metálicos ..	154,07	154,07	Agosto-1989
Metalúrgica	189,15	189,15	Agosto-1989
Mecânica	250,54	250,54	Agosto-1989
Mat.Elétrico	392,90	392,90	Agosto-1989
Papel e Papelão ...	156,13	156,13	Agosto-1989
Química	130,87	180,58	Junho-1984
Mat.Plásticas	166,07	166,07	Agosto-1989
Têxtil	110,69	126,20	Outubro-1986
Vestuário	123,89	125,00	Novembro-1985
Alimentares	126,07	161,47	Outubro-1987
Bebidas	89,42	305,96	Abril-1986
Fumo	3,75	388,27	Março-1984

FONTE: IBGE-DEIND

TABELA 17
DESEMPENHO DA INDÚSTRIA CATARINENSE-1989
(Base: igual período do ano anterior=100)

S E T O R E S	1º BIMESTRE	2º BIMESTRE	3º BIMESTRE	4º BIMESTRE
Indústria Geral	87,46	93,06	109,33	110,14
Extr.Mineral	86,68	50,44	81,29	74,75
Min.não Metálicos ..	91,23	103,25	107,87	105,48
Metalúrgica	90,03	85,96	103,26	117,49
Mecânica	101,47	110,37	147,57	151,59
Mat.Elétrico	66,97	78,76	95,37	107,65
Papel e Papelão	94,29	97,73	102,68	102,85
Química	59,58	93,07	80,58	86,98
Mat.Plásticas	61,92	89,93	120,50	135,68
Têxtil	88,21	91,64	99,68	99,36
Vestuário	90,83	80,71	108,28	110,64
Alimentares	87,08	87,86	101,74	100,76
Bebidas	95,89	104,88	153,26	111,42
Fumo	141,85	122,34	178,59	80,80

FONTE: IBGE-DEIND

RIO GRANDE DO SUL

Após três meses consecutivos apresentando bom nível de desempenho, a indústria gaúcha aponta em agosto uma acentuada desaceleração na taxa mensal(0,1%), assinando um declínio de 6,4 pontos percentuais em relação a taxa de julho(6,5%), ficando assim bem abaixo da indústria nacional(7,8%). O índice acumulado(0,8%), no entanto, situou-se bem próximo do verificado no mês anterior(0,9%) e o acumulado doze meses inferior ao de julho (-1,9% contra -0,9%).

Os destaques na contribuição para o resultado global do mês de agosto ficam por conta da metalúrgica (19,2%), que junto com 11 dos 14 gêneros pesquisados, sustenta o crescimento positivo, embora modesto. Em contrapartida as quedas na química(-26,1%), por ter um grande peso na indústria local e, em menor medida de vestuário(-0,9%) e de produtos alimentares(-1,2%) diluíram os impactos positivos alcançados (tabela 18). O desempenho da metalúrgica está associado, em boa parte, ao aumento da demanda de arame de aço comum pela construção civil que atravessa um período de aquecimento a nível nacional. A contração da química, uma constante ao longo do ano, à exceção de maio, vem sendo determinada pelo decréscimo em adubos e fertilizantes, o que se coaduna com a perspectiva de uma menor safra agrícola no próximo ano. O expressivo resultado da extrativa mineral(36,5%) é justificado pela maior produção de carvão-de-pedra em bruto para atender a maior demanda do setor termoeletrico da região.

Ainda assim, o indicador acumulado apresenta uma taxa positiva de 0,8% devido ao bom desempenho da mecânica(12,1%) que tem uma participação significativa na indústria gaúcha. As maiores quedas verificaram-se na extrativa mineral(-11,3%) e, mais uma vez, na química(-11,0%). O destaque, em termos de variações positivas, cabe a minerais não metálicos(18,1%), borracha(12,9%) e mecânica(12,1%). Na comparação acumulada em doze meses o movimento de aceleração do ritmo de queda (ver tabela 19) deve-se, principalmente, à química (-15,3%), extrativa mineral(-11,9%) e produtos alimentares

(-6,0%) que no mês anterior registraram contrações de -12,3%, -13,9% e -4,3%, respectivamente.

TABELA 18
DESEMPENHO DA INDÚSTRIA
AGOSTO DE 1989
INDICADOR MENSAL

G Ê N E R O S	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Metalúrgica	119,15	2,35
Química	73,90	-5,40
Outros gêneros	104,74	3,18
Indústria Geral	100,13	0,13

FONTE: IBGE-DEINDO

TABELA 19
RIO GRANDE DO SUL
COMPOSIÇÃO DA TAXA DO INDICADOR ACUMULADO 12 MESES
1 9 8 9

G Ê N E R O S	JULHO (1)	AGOSTO (2)	DIFERENÇA (2) - (1)
Extrativa mineral	- 0,09	- 0,08	0,01
Min. não metálicos	0,37	0,28	- 0,09
Metalúrgica	- 0,40	- 0,26	0,14
Mecânica	1,28	1,22	- 0,06
Mat.elêtr. e de comunicações ..	- 0,04	0,02	0,06
Material de transporte	- 0,04	- 0,17	- 0,13
Papel e papelão	0,18	0,14	- 0,04
Borracha	0,16	0,16	0,00
Química	- 1,96	- 2,40	- 0,44
Perfumaria, sabões e velas ...	- 0,07	- 0,05	0,02
Vest., calçados e art.tecidos	- 0,06	- 0,24	- 0,18
Prod. alimentares	- 0,68	- 0,97	- 0,29
Bebidas	- 0,19	0,16	- 0,03
Fumo	0,28	0,31	0,03
Indústria Geral	- 0,90	- 1,89	- 0,99

FONTE: IBGE-DEIND.



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GÊNEROS - REGIÃO NORDESTE

1989

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JUN	JUL	AGO	JUN	JUL	AGO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	ATE JUN	ATE JUL	ATE AGO
INDUSTRIA GERAL	108,21	113,23	121,66	102,91	102,88	107,37	100,47	100,82	101,66	96,50	96,49	97,02
EXTRATIVA MINERAL	146,19	152,82	158,96	100,70	102,45	108,32	101,90	101,93	102,77	100,87	100,79	101,37
IND. TRANSFORMAÇÃO	102,96	107,75	116,50	103,35	102,97	107,19	100,20	100,59	101,45	95,74	95,74	96,26
MIN. NÃO METÁLICOS	94,47	94,49	99,86	107,49	100,48	100,46	93,14	94,21	95,04	95,35	94,85	94,55
METALÚRGICA	159,78	161,46	174,62	133,91	135,21	141,03	107,48	111,28	114,98	100,09	102,91	106,93
MAT. ELÉTRICO E COM.	142,18	147,10	163,25	125,68	114,98	134,11	95,58	98,42	102,80	86,66	88,77	92,35
PAPEL E PAPELÃO	119,61	128,81	140,30	110,08	109,91	110,21	95,37	97,52	99,27	95,19	95,84	96,62
BORRACHA	152,87	159,13	152,58	114,79	113,03	114,89	103,01	104,57	105,89	106,33	106,92	107,14
QUÍMICA	108,89	110,87	120,15	98,03	97,05	101,88	100,86	100,34	100,53	94,30	94,15	94,65
PERF. SABÕES, VELAS	129,13	136,03	124,69	118,35	133,84	110,31	88,41	94,01	95,98	86,05	89,05	91,52
PROD. MAT. PLÁSTICAS	114,37	117,23	128,80	109,22	108,54	110,48	87,25	90,38	93,12	93,38	93,59	93,42
TEXTIL	94,65	98,33	110,89	99,42	90,07	88,46	109,28	105,94	103,03	112,55	109,87	106,47
VEST. CALÇ. ART. TEC.	131,75	132,10	151,45	109,07	105,93	113,86	99,68	100,66	102,55	97,06	97,06	97,55
PROD. ALIMENTARES	62,25	76,87	78,96	86,11	100,77	112,03	96,85	97,36	98,93	87,96	87,80	88,80
BEBIDAS	108,31	106,65	113,59	118,49	122,93	124,63	107,57	109,45	111,18	104,00	105,22	106,66
FUMO	120,99	134,82	142,82	114,49	130,15	116,40	90,57	95,72	98,48	93,27	96,05	96,76

IBGE

06/10/89 PAG 22



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLAS. E GENEROS - PERNAMBUCO

1989

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E GENEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JUN	JUL	AGO	JUN	JUL	AGO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	ATE JUN	ATE JUL	ATE AGO
INDUSTRIA GERAL	98,46	100,26	108,78	105,29	101,57	106,75	97,53	98,08	99,15	94,61	94,20	94,72
IND. TRANSFORMAÇÃO	98,46	100,26	108,78	105,29	101,57	106,75	97,53	98,08	99,15	94,61	94,20	94,72
MIN. NÃO METALICOS	77,15	76,21	70,58	87,77	83,91	76,76	82,87	83,01	82,26	84,91	83,21	82,16
METALURGICA	143,03	147,12	168,63	121,93	115,37	124,74	107,42	108,66	110,94	107,02	107,74	109,84
MAT ELETRICO E COM	157,24	159,77	168,56	193,94	119,20	144,24	125,77	124,60	127,24	109,57	107,66	110,09
PAPEL E PAPELÃO	129,09	143,71	154,01	130,17	127,84	124,45	98,34	102,76	105,83	96,41	97,86	100,56
QUIMICA	145,14	133,18	157,55	101,78	97,52	98,43	102,71	102,07	101,62	97,97	97,34	97,00
PERF. SABÕES, VELAS	111,95	144,30	123,97	113,81	171,81	122,51	99,88	108,65	110,42	86,95	93,06	98,25
PROD. MAT. PLASTICAS	108,90	102,36	116,89	113,56	105,68	107,26	83,61	86,65	89,43	94,06	93,66	92,42
TEXTIL	83,09	83,79	88,29	99,02	92,15	84,23	94,93	94,51	92,98	97,14	97,69	95,30
PROD. ALIMENTARES	53,43	61,15	64,95	77,04	86,84	112,75	90,26	89,85	91,93	85,01	83,79	85,29
BEBIDAS	88,54	83,83	88,97	113,18	124,73	128,42	106,39	108,43	110,48	103,97	105,10	106,70
FUMO	126,71	148,52	156,11	109,40	132,28	116,93	91,65	96,97	99,66	95,16	97,87	98,06

IBGE

03/10/89 PAG 23



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GÊNEROS - BAHIA

1989

PONDERAÇÃO CI-80

C L A S S E S E G Ê N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JUN	JUL	AGO	JUN	JUL	AGO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	ATE JUN	ATE JUL	ATE AGO
INDUSTRIA GERAL	115,51	123,29	131,73	94,78	98,74	106,95	97,28	97,50	98,70	94,88	94,76	95,36
EXTRATIVA MINERAL	106,85	112,36	116,22	96,57	99,88	109,96	96,02	96,57	98,17	97,52	97,37	98,70
IND. TRANSFORMAÇÃO	116,98	125,13	134,35	94,51	98,57	106,53	97,48	97,64	98,78	94,48	94,37	94,86
MIN. NÃO METÁLICOS	84,95	98,62	111,92	97,95	115,19	114,05	86,19	90,47	93,88	94,39	95,16	94,35
METALÚRGICA	112,89	119,55	132,91	121,23	134,22	149,83	95,03	99,79	105,19	91,58	94,95	99,39
MAT. ELÉTRICO E COM.	168,70	162,31	192,64	95,14	121,46	115,71	79,10	83,92	87,88	76,98	81,50	83,64
BORRACHA	211,87	219,46	209,04	119,49	107,36	112,01	109,47	109,11	109,50	118,59	116,88	114,94
QUÍMICA	123,10	125,34	135,39	95,65	94,09	103,58	100,06	99,18	99,73	95,59	95,11	95,79
PERF. SABÕES, VELAS	156,28	145,62	162,57	127,83	102,61	103,07	91,61	93,26	94,66	90,62	90,88	90,39
PROD. ALIMENTARES	77,01	123,11	118,65	63,90	94,03	94,66	88,72	89,69	90,43	91,39	89,16	85,82
BEBIDAS	155,35	160,57	169,91	117,57	124,27	132,01	105,57	107,99	110,74	101,76	103,35	105,58

IBGE

06/10/89 PAG 24



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GÊNEROS - MINAS GERAIS

1989

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JUN	JUL	AGO	JUN	JUL	AGO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	ATE JUN	ATE JUL	ATE AGO
INDUSTRIA GERAL	138,48	139,81	145,24	97,44	103,01	100,35	98,11	98,86	99,07	99,43	99,62	98,95
EXTRATIVA MINERAL	124,47	113,36	125,09	105,58	94,58	94,35	102,20	101,07	100,13	104,71	104,32	102,26
IND. TRANSFORMAÇÃO	139,65	142,02	146,92	96,88	103,63	100,80	97,80	98,70	98,99	99,04	99,27	98,70
MIN. NÃO METÁLICOS	104,01	109,71	111,83	99,49	105,00	105,82	96,05	97,36	98,45	96,67	97,53	97,94
METALÚRGICA	131,66	135,36	144,96	95,53	103,05	101,50	95,27	96,33	97,00	101,80	101,44	100,49
MAT. ELÉTRICO E COM.	162,11	163,69	158,13	114,66	111,00	108,70	89,37	92,63	94,72	99,94	99,78	99,53
MAT. TRANSPORTE	192,52	154,00	187,32	109,50	138,96	93,39	100,73	104,83	102,97	98,27	102,77	99,24
PAPEL E PAPELÃO	179,13	178,07	77,07	106,21	101,03	42,87	100,43	100,52	92,87	97,77	97,47	90,98
QUÍMICA	170,42	220,69	213,72	94,00	103,74	115,44	106,43	105,88	107,32	101,84	101,33	104,04
PROD. MAT. PLÁSTICAS	131,95	131,47	147,90	120,78	127,40	135,76	88,14	93,16	98,22	82,59	86,56	90,57
TEXTIL	131,23	129,92	134,10	110,49	105,02	104,08	106,15	105,97	105,71	101,43	102,40	102,55
VEST., CALÇ., ART. TEC.	100,50	106,59	115,26	118,51	118,19	127,37	108,61	110,17	112,59	101,83	102,51	104,86
PROD. ALIMENTARES	136,64	122,02	136,42	74,68	81,21	91,02	89,24	87,63	88,20	90,22	88,11	86,51
BEBIDAS	145,09	139,10	149,59	121,54	111,80	118,57	104,22	105,22	106,60	97,57	98,66	101,00
FUMO	176,84	178,53	168,90	127,74	116,97	106,59	101,24	103,46	103,86	97,81	98,77	98,88

IBGE

04/10/89 PAG 25



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSE E GÊNEROS - RIO DE JANEIRO

1989

PONDERAÇÃO CI-80

C L A S S E S E G Ê N E R O S	BASE FIXA MENSA			MENSA			ACUMULADO			12 MESES		
	JUN	JUL	AGO	JUN	JUL	AGO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	ATE JUN	ATE JUL	ATE AGO
INDUSTRIA GERAL	128,07	129,90	136,53	107,17	107,39	109,37	100,64	101,67	102,72	100,59	100,90	101,13
EXTRATIVA MINERAL	529,73	568,87	598,30	109,40	113,73	118,68	96,78	99,10	101,47	93,83	95,25	97,25
IND. TRANSFORMAÇÃO	120,19	121,28	127,47	106,98	106,85	108,58	101,02	101,92	102,84	101,26	101,46	101,51
MIN. NÃO METÁLICOS	107,10	109,97	117,40	116,26	127,95	128,00	101,65	105,29	108,22	98,72	102,27	104,94
METALÚRGICA	145,43	143,20	148,09	97,07	94,14	99,52	92,53	92,77	93,63	93,63	92,48	92,15
MAT. ELÉTRICO E COM.	165,01	180,20	182,69	108,83	109,85	108,66	120,31	118,51	117,03	138,01	133,04	127,86
MAT. TRANSPORTE	55,76	54,10	63,38	101,35	107,10	108,80	101,97	102,74	103,63	115,35	113,69	110,51
PAPEL E PAPELÃO	85,62	92,93	102,71	96,16	104,05	110,39	94,35	95,83	97,82	94,23	95,50	95,89
QUÍMICA	128,17	133,06	135,54	104,92	107,95	103,12	97,88	99,37	99,89	98,50	99,58	99,25
FARMACÊUTICA	157,25	134,16	147,41	119,99	96,54	130,83	102,63	101,58	105,17	95,10	94,60	98,62
PERF. SABÕES, VELAS	166,98	182,09	152,72	127,89	157,47	131,86	108,07	114,81	116,86	103,53	107,22	109,05
PROD. MAT. PLÁSTICAS	199,64	186,71	190,45	133,32	125,91	126,07	123,29	123,70	124,03	115,58	114,57	113,99
TEXTIL	96,02	95,98	96,10	112,74	108,90	103,13	88,66	91,77	93,35	83,21	84,91	85,59
VEST. CALÇ. ART. TEC.	80,84	79,49	85,45	103,76	97,82	94,26	99,97	99,60	98,76	97,70	97,58	96,17
PROD. ALIMENTARES	112,82	126,61	142,65	97,91	107,83	108,72	100,57	101,81	102,91	99,15	101,09	102,99
BEBIDAS	133,49	130,44	151,52	148,17	135,85	151,66	123,47	125,01	128,07	115,38	117,87	121,80
FUMO	132,78	120,91	129,63	115,09	112,25	97,74	101,48	102,97	102,21	95,97	97,77	97,16

IBGE

04/10/89 PAG 26



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASS E GENEROS - SÃO PAULO

1989

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E G E N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JUN	JUL	AGO	JUN	JUL	AGO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	ATE JUN	ATE JUL	ATE AGO
INDUSTRIA GERAL	129,07	133,48	143,71	103,96	107,09	107,65	96,27	98,01	99,43	97,79	98,28	98,21
IND. TRANSFORMAÇÃO	129,07	133,48	143,71	103,96	107,09	107,65	96,27	98,01	99,43	97,79	98,28	98,21
MIN. NÃO METÁLICOS	115,79	120,75	124,74	107,38	109,71	108,64	95,67	97,74	99,19	96,14	96,66	97,00
METALÚRGICA	121,81	123,85	131,50	112,28	109,29	110,13	99,44	100,89	102,13	100,65	101,73	101,98
MECÂNICA	111,16	110,44	118,76	111,74	114,21	119,34	90,05	93,52	96,85	88,43	90,46	92,61
MAT. ELÉTRICO E COM	124,48	115,44	129,75	111,31	110,69	114,96	94,47	96,82	99,28	96,11	97,04	97,78
MAT. TRANSPORTE	138,47	140,26	155,51	98,39	102,85	105,70	88,49	90,67	92,78	100,52	99,30	97,44
PAPEL E PAPELÃO	163,96	164,19	189,29	112,11	114,80	120,96	106,35	107,57	109,39	106,17	107,52	108,39
BORRACHA	144,63	146,29	143,70	96,90	109,96	95,83	93,08	95,39	95,45	97,46	98,29	97,30
QUÍMICA	145,21	164,63	170,80	96,42	104,65	96,97	97,62	98,95	98,60	97,95	98,41	97,00
FARMACÊUTICA	156,18	154,66	157,60	108,25	124,57	113,64	93,93	98,24	100,33	88,51	92,27	93,90
PERF. SABÕES, VELAS	188,39	192,47	192,24	123,38	125,74	148,93	100,03	103,67	108,49	93,52	94,89	99,18
PROD. MAT. PLÁSTICAS	162,61	169,15	177,80	130,45	134,36	131,83	114,12	117,22	119,29	109,27	111,32	113,02
TEXTIL	116,27	114,49	121,60	105,60	102,44	103,27	98,33	98,95	99,54	97,32	97,47	97,25
VEST. CALÇ. ART. TEC.	91,31	87,25	96,44	113,92	107,63	107,65	103,15	103,85	104,41	102,49	102,70	101,99
PROD. ALIMENTARES	122,65	138,93	161,06	81,20	87,03	98,38	93,56	92,03	93,26	98,54	95,45	94,00
BEBIDAS	151,89	152,71	179,69	127,79	116,54	116,09	115,01	115,26	115,39	109,00	109,25	109,63
FUMO	72,92	97,04	84,11	113,42	144,89	100,52	103,33	109,54	108,12	105,88	108,18	105,24

IBGE

03/10/89 PAG 27



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSE

GENEROS - REGIÃO SUL

1989

PONDERAÇÃO CI-80

C L A S S E S E G E N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JUN	JUL	AGO	JUN	JUL	AGO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	ATE JUN	ATE JUL	ATE AGO
INDUSTRIA GERAL	140,86	133,12	141,70	107,01	104,78	104,34	99,85	100,59	101,10	98,61	98,95	98,74
EXTRATIVA MINERAL	103,61	104,37	107,43	89,11	85,59	106,73	78,05	79,20	82,28	89,02	86,21	85,98
IND. TRANSFORMAÇÃO	141,41	133,54	142,21	107,24	105,05	104,32	100,15	100,88	101,36	98,73	99,12	98,91
MIN. NÃO METALICOS	131,27	136,60	139,11	121,66	120,64	107,18	101,01	103,84	104,32	96,53	98,00	97,49
METALURGICA	162,68	164,64	181,30	114,22	117,23	120,62	96,52	99,53	102,37	94,42	96,54	98,22
MECANICA	188,44	179,21	196,88	137,86	127,53	124,67	116,15	117,79	118,74	106,82	108,95	111,08
MAT. ELETRICO E COM.	178,00	199,50	237,32	98,00	108,18	116,21	93,74	96,00	98,99	98,52	98,56	98,59
PAPEL E PAPELÃO	159,77	159,21	159,29	108,21	113,32	100,43	102,97	104,41	103,87	101,52	103,00	102,53
QUIMICA	106,79	100,97	111,12	85,37	77,20	80,34	94,71	91,31	89,44	95,41	92,92	90,46
PERF. SABÕES, VELAS	139,24	145,31	148,26	97,40	124,77	134,89	91,13	95,55	99,88	91,95	94,45	97,98
PROD. MAT. PLASTICAS	146,95	150,72	162,88	113,08	121,86	118,91	98,32	101,82	104,24	100,44	101,59	102,31
TEXTIL	136,88	136,34	146,12	101,46	98,86	104,60	96,21	96,61	97,68	95,97	95,96	96,09
VEST, CALÇ, ART. TEC.	110,88	106,59	120,89	104,71	103,25	106,11	99,73	100,25	101,08	99,76	100,40	99,94
PROD. ALIMENTARES	120,89	113,65	123,68	99,13	94,23	98,00	96,48	96,14	96,39	96,23	95,35	94,32
BEBIDAS	207,50	144,12	138,27	112,07	122,77	116,31	103,26	105,66	106,84	104,10	104,40	104,67
FUMO	308,47	153,87	47,41	134,61	199,14	88,31	106,20	110,54	109,84	109,15	113,00	111,78

IBGE

03/10/89 PAG 28



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSE E GÊNEROS - PARANÁ

1989

PONDERAÇÃO CI-80

C L A S S E S E G Ê N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JUN	JUL	AGO	JUN	JUL	AGO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	ATE JUN	ATE JUL	ATE AGO
INDUSTRIA GERAL	139,47	124,37	137,97	110,34	95,97	102,60	102,51	101,49	101,64	103,65	102,69	102,17
IND. TRANSFORMAÇÃO	139,47	124,37	137,97	110,34	95,97	102,60	102,51	101,49	101,64	103,65	102,69	102,17
MIN. NÃO METÁLICOS	114,25	121,57	118,88	123,71	127,61	117,26	98,22	102,43	104,39	96,08	97,94	98,85
MECÂNICA	188,72	179,80	213,66	145,23	115,81	122,73	114,61	114,80	116,01	102,77	101,98	103,02
PAPEL E PAPELÃO	171,59	167,46	152,84	114,24	123,43	96,98	107,76	109,83	108,12	102,83	105,69	105,19
QUÍMICA	106,15	101,89	127,57	86,66	76,37	95,69	101,22	96,43	96,31	108,64	105,59	104,61
PERF. SABÕES, VELAS	164,65	152,78	188,06	101,14	126,24	216,86	97,47	101,05	110,54	102,53	101,21	110,36
PROD. MAT. PLÁSTICAS	113,44	108,64	115,78	100,41	97,78	95,36	105,32	104,14	102,85	111,18	108,48	105,59
TEXTIL	270,88	126,12	80,14	225,02	145,37	114,64	99,13	102,13	102,75	98,15	100,44	101,39
PROD. ALIMENTARES	137,87	125,47	149,37	98,39	86,99	99,40	100,57	98,20	98,39	102,45	99,91	98,25
BEBIDAS	125,03	130,38	155,81	135,33	122,70	119,53	106,67	108,62	110,03	104,83	105,37	106,23
FUMO	328,63	224,29	233,29	140,99	125,59	120,60	102,39	104,62	106,13	103,87	105,92	106,54

IBGE

03/10/89 PAG 29



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASS E GENEROS - SANTA CATARINA

1989

PONDERAÇÃO CI-80

C L A S S E S E G E N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JUN	JUL	AGO	JUN	JUL	AGO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	ATE JUN	ATE JUL	ATE AGO
INDUSTRIA GERAL	142,08	140,32	151,41	108,01	109,72	110,53	96,73	98,62	100,22	95,03	95,88	96,57
EXTRATIVA MINERAL	89,90	90,27	102,74	73,16	69,71	79,81	73,68	73,01	73,99	91,70	86,91	83,29
IND. TRANSFORMAÇÃO	144,05	142,20	153,24	109,23	111,24	111,62	97,46	99,44	101,08	95,14	96,17	97,00
MIN. NÃO METÁLICOS	145,26	147,58	154,07	108,52	107,10	103,98	100,80	101,71	102,01	94,94	95,23	94,90
METALÚRGICA	176,58	174,18	189,15	109,86	115,75	119,13	93,54	96,79	99,78	93,35	95,73	97,26
MECÂNICA	221,38	217,66	250,54	137,52	159,67	145,20	119,89	125,35	128,28	105,03	108,38	112,82
MAT. ELÉTRICO E COM.	253,04	299,42	392,90	83,77	95,06	119,74	79,99	82,36	87,63	88,38	86,49	86,95
PAPEL E PAPELÃO	139,55	143,73	156,13	99,72	104,14	101,69	98,26	99,11	99,46	97,46	98,22	98,00
QUÍMICA	125,08	139,10	130,87	77,49	85,10	89,07	78,67	79,77	81,01	96,64	93,50	91,86
PROD. MAT. PLÁSTICAS	146,54	147,63	166,07	120,65	135,55	135,80	90,46	96,61	101,82	93,21	96,18	98,98
TEXTIL	101,11	103,51	110,69	98,00	96,24	102,45	93,21	93,68	94,85	94,78	94,31	94,19
VEST. CALÇ. ART. TEC.	105,70	107,05	123,89	109,70	107,56	113,45	93,49	95,78	98,46	94,88	96,43	97,43
PROD. ALIMENTARES	122,43	120,53	126,07	101,31	103,39	98,37	92,06	93,60	94,22	84,01	85,97	87,06
BEBIDAS	81,56	75,32	89,42	155,59	107,53	114,94	110,53	110,25	110,70	105,58	106,10	106,27
FUMO	313,97	128,88	3,75	219,57	140,51	5,17	144,27	144,01	136,84	161,44	158,25	146,34

IBGE

03/10/89 PAG 30



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSE

GENÉRIOS - RIO GRANDE DO SUL

1989

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E GENÉRIOS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JUN	JUL	AGO	JUN	JUL	AGO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	ATE JUN	ATE JUL	ATE AGO
INDUSTRIA GERAL	144,79	132,67	132,86	108,85	106,47	100,13	99,89	100,85	100,75	98,65	99,10	98,11
EXTRATIVA MINERAL	137,34	136,67	142,98	100,05	98,98	136,45	80,82	83,44	88,68	88,11	86,11	88,11
IND. TRANSFORMAÇÃO	144,83	132,64	132,79	108,90	106,52	99,95	100,02	100,97	100,83	98,72	99,19	98,18
MIN. NÃO METÁLICOS	122,04	122,64	129,19	144,21	126,57	104,97	119,64	120,76	118,07	109,85	111,94	108,96
METALÚRGICA	149,52	153,40	169,81	110,62	117,18	119,15	96,47	99,51	102,22	94,65	96,69	97,88
MECÂNICA	201,80	186,47	183,63	158,72	102,37	103,97	115,54	113,42	112,14	108,27	107,70	107,33
MAT. ELÉTRICO E COM.	133,04	153,01	151,51	110,12	143,27	120,33	101,07	106,61	108,45	94,36	98,95	100,46
MAT. TRANSPORTE	127,15	132,78	152,45	103,20	100,29	109,83	88,17	90,17	93,08	98,92	99,08	96,71
PAPEL E PAPELÃO	155,14	159,33	166,90	123,62	127,83	104,43	102,29	105,82	105,61	102,97	105,94	104,63
BORRACHA	134,19	156,79	157,64	110,38	123,55	124,47	108,29	110,89	112,86	111,88	111,78	112,29
QUÍMICA	130,09	119,84	121,63	86,58	82,49	73,90	94,74	92,35	89,01	89,09	87,72	84,73
PERF. SABÕES, VELAS	137,07	140,45	137,29	94,01	113,76	115,01	84,64	88,54	91,57	85,11	87,40	89,40
VEST. CALÇ. ART. TEC.	105,69	100,28	109,02	102,07	101,87	99,08	99,74	100,06	99,92	99,19	99,50	98,10
PROD. ALIMENTARES	106,41	100,99	106,24	95,40	95,50	98,76	92,61	93,00	93,71	97,37	95,75	94,02
BEBIDAS	220,78	141,90	129,11	106,50	137,98	109,94	100,48	104,45	105,04	102,40	104,57	103,85
FUMO	348,97	193,42	54,50	112,45	242,69	125,72	98,76	104,65	105,11	99,73	105,39	105,99

IBGE

03/10/89

PAG 31